

**COMO SÃO  
CRIADAS  
AS PALAVRAS  
NOVAS DE  
UMA LÍNGUA?**

**JOÃO PAULO LAZZARINI CYRINO**

Universidade Federal da Bahia

Palavras novas surgem o tempo todo em uma língua, seja porque elas vêm de uma língua estrangeira, como *yoğurt* do turco (tornando-se *iogurte* em português), seja porque elas se formam a partir de uma ou mais palavras já existentes na língua (*cabelizar*, de cabelo, *finde* de fim de semana, *cãominhada* de cão e caminhada etc.). Os porquês dessas inovações são inúmeros, mas o que há de mais intrigante é que todas as línguas do mundo possuem mecanismos para criar palavras a partir de outras já existentes ou a partir de importações de outras línguas.

O estudo desses mecanismos de criação ou, mais tecnicamente, formação de palavras, é parte de uma disciplina da linguística denominada *morfologia*. É através do gramático indiano Pāṇini, que teria vivido em algum período entre os séculos IV e VI a.C, que temos os principais fundamentos dessa área do conhecimento. Pāṇini descreveu o sânscrito falado oralmente em seu tempo, inclusive abordando variantes regionais ❶. Em sua gramática, ele mostra como as palavras do sânscrito se dividem em elementos menores, que podem ser de dois tipos: raízes ou sufixos.

Para ilustrar, tomemos uma palavra simpática como *cachorrinho* e veremos que ela pode se dividir em pelo menos duas partes. Uma delas, *cachorr-*, carrega a informação sobre a coisa ou o indivíduo a que essa palavra se refere: cachorro. A outra parte, *-inho*, parece trazer algum tipo de informação sobre o pequeno tamanho do cachorro, ou o quão especial ele é, a que chamamos de diminutivo. Se quisermos ser ainda mais precisos, podemos dividir *-inho* em mais duas partes: *-inh-*, que traz a informação do diminutivo por si só e *-o*, que traz algumas informações gramaticais, como gênero masculino e número singular. Podemos visualizar essa divisão na figura a seguir:

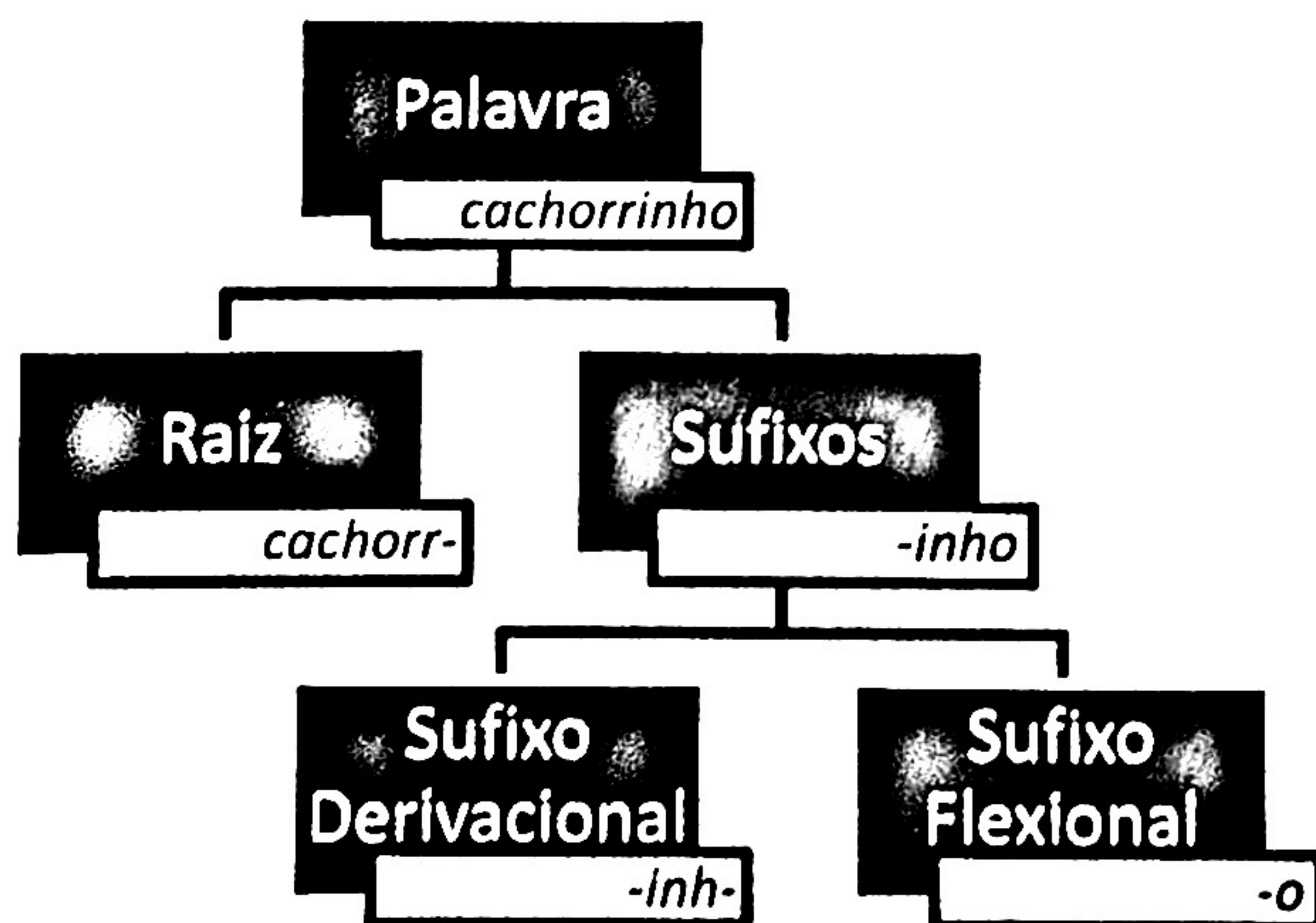


Figura 1: Visualização da formação da palavra *cachorrinho* (fonte: o autor).

Palavras novas surgem o tempo todo em uma língua, seja porque elas vêm de uma língua estrangeira, como *yoğurt* do turco (tornando-se *lo-gurte* em português), seja porque elas se formam a partir de uma ou mais palavras já existentes na língua (*cabelizar*, de cabelo, *finde* de fim de semana, *cãominhada* de cão e caminhada etc.). Os porquês dessas inovações são inúmeros, mas o que há de mais intrigante é que todas as línguas do mundo possuem mecanismos para criar palavras a partir de outras já existentes ou a partir de importações de outras línguas.

O estudo desses mecanismos de criação ou, mais tecnicamente, formação de palavras, é parte de uma disciplina da linguística denominada *morfologia*. É através do gramático indiano Pāṇini, que teria vivido em algum período entre os séculos IV e VI a.C, que temos os principais fundamentos dessa área do conhecimento. Pāṇini descreveu o sânscrito falado oralmente em seu tempo, inclusive abordando variantes regionais ❶. Em sua gramática, ele mostra como as palavras do sânscrito se dividem em elementos menores, que podem ser de dois tipos: raízes ou sufixos.

Para ilustrar, tomemos uma palavra simpática como *cachorrinho* e veremos que ela pode se dividir em pelo menos duas partes. Uma delas, *cachorr-*, carrega a informação sobre a coisa ou o indivíduo a que essa palavra se refere: cachorro. A outra parte, *-inho*, parece trazer algum tipo de informação sobre o pequeno tamanho do cachorro, ou o quão especial ele é, a que chamamos de diminutivo. Se quisermos ser ainda mais precisos, podemos dividir *-inho* em mais duas partes: *-inh-*, que traz a informação do diminutivo por si só e *-o*, que traz algumas informações gramaticais, como gênero masculino e número singular. Podemos visualizar essa divisão na figura a seguir:

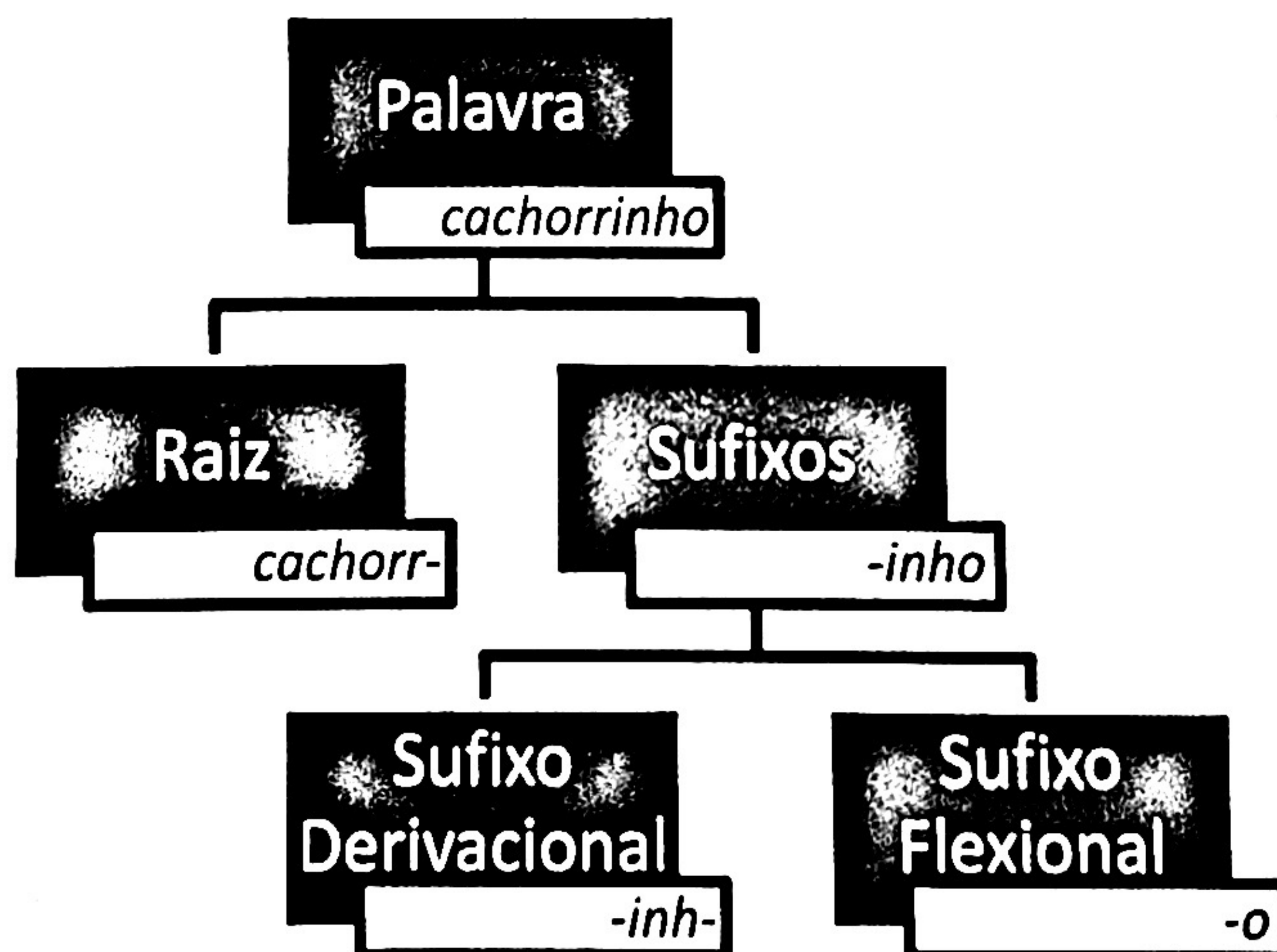


Figura 1: Visualização da formação da palavra *cachorrinho* (fonte: o autor).

Pãḡini chama de *raízes* as partes das palavras como *cachorr-* e de *sufixos* as partes das palavras como *-inh-* e *-o*. Mais ainda, o pioneiro linguista ainda mostra que sufixos como *-inh-* e sufixos como *-o* são de tipos diferentes. O primeiro não forma uma palavra, mas o segundo forma. Ou seja, *cachorrinh*, assim como *cachorr*, não são palavras do português. Mas, se adicionarmos o sufixo *-o* a essas formações, temos as palavras *cachorrinho* e *cachorro*.

Esse sufixo *-o*, responsável por mostrar que um conjunto de elementos formou uma palavra, tem o nome de *sufixo flexional*. A ele poderíamos adicionar outro sufixo flexional, *-s*, que traria a informação de plural: *cachorrinhos*, *cachorros*. O sufixo *-inh*, por outro lado, se chama *sufixo derivacional*. Esses dois tipos de sufixos têm uma relação muito importante com a formação de palavras nas línguas, tanto para que uma palavra nova seja criada a partir de outra, como para que uma palavra estrangeira seja “importada”.

Os *sufixos flexionais* adequam a palavra à gramática da língua. Em português, as palavras podem ser, por exemplo, substantivos, adjetivos e verbos. Cada uma dessas classes tem os sufixos flexionais que as identificam. De forma bastante geral, podemos dizer que, em português, verbos possuem sufixos de infinitivo (*-ar*), de primeira pessoa do singular no presente (*faço*), de terceira pessoa do futuro do pretérito (*faria*) etc. Substantivos e adjetivos possuem sufixos de plural (*campos*), de masculino (*bonito*) ou feminino (*bonita*). Dessa forma, qualquer palavra que quisermos importar para o português terá de se conformar com essa identificação. Assim acontece, por exemplo, com *flop*, uma palavra do inglês comum nas redes sociais, que significa fracassar. A palavra é importada ao português como o verbo *flop**ar*. Sendo um verbo, é possível flexioná-lo como em *flopou*, *flop**aram*, *flopa*, *flop**aria* etc.

Além disso, com sufixos derivacionais, pode-se transformar o verbo *flop**ar* em adjetivos como *flop**ado* (*flop-ad-o*) e *flop**ante* (*flop-ante*), e em substantivos como *flop**agem* (*flop-agem*) e *flop**ada* (*flop-ad-a*). Esses sufixos nos permitem transformar uma palavra já existente em palavras novas, seja para transformar um verbo em um substantivo ou um adjetivo e vice-versa, seja para trazer novas nuances de significados a essas palavras. Podemos reaplicar sufixos derivacionais a uma palavra previamente transformada. Na verdade, não aplicamos os sufixos derivacionais diretamente à palavra, mas ou a uma raiz, ou a uma base

(que seria a raiz composta de seus sufixos derivacionais já existentes). Dessa forma, *flopagem* forma uma base a que podemos adicionar o sufixo derivacional *-zinha*, resultando na palavra *flopagenzinha*.

Além da formação de palavras novas com a adição de sufixos, Pāṇini também descreveu outra estratégia de formação de palavras: a *composição*. A composição ocorre quando combinamos duas palavras e formamos uma nova, como em *quebra-cabeças*, *paraquedas*, *limpa-vidros*, *ator-diretor* etc.

Até aqui foi possível mostrar as estratégias de formação de palavras descritas por Pāṇini sem recorrer a nenhum dado do sânscrito. Isso é interessante, porque mostra como suas observações podem ser estendidas para outras línguas. De fato, Pāṇini é, para a morfologia, comparável a Euclides ou Pitágoras para a geometria, e seus trabalhos são comumente revisitados por alguns estudiosos até os dias de hoje. Mas, apesar da dimensão de sua contribuição, a intenção de Pāṇini não era criar uma teoria para todas as línguas. Isso é o que os linguistas tentam fazer, principalmente a partir do século XX.

Quando ampliamos o leque de línguas observadas, vemos que há outras estratégias de formação de palavras para além da sufixação e da composição. A sufixação, aliás, é conhecida como *afixação* atualmente. Sufixos são adições de elementos depois da base, mas temos adições antes da base (prefixos), ao redor da base (circunfixos) e dentro da base (infixos).

Prefixos são comuns em português, como por exemplo em *des-ligar*, ou *a-partidário*. Além disso, nas várias línguas bantu, faladas no sul da África, a morfologia é predominantemente prefixal. Por exemplo, em bemba, língua falada principalmente na Zâmbia, temos um verbo como *uku-bula* (evitar), em que a raiz é *bula* e a marca de infinitivo é *uku*. Para falar algo como *eu evitei*, temos a forma *na-bula*. Em georgiano, língua falada na Geórgia, temos alguns circunfixos. Uma palavra, como *lama-zi* (bonito), pode ser intensificada com *u-lamaz-esi*. Infixos são comuns em outra língua do Cáucaso, khwarshi, falada no Daguestão (uma república autônoma da Rússia). Em khwarshi, o gênero é marcado com infixos nos pronomes, havendo, por exemplo, formas como *owne* e *owe* para aquele/aquilo em um dos cinco gêneros e *oyne* e *oye* para outro dos cinco gêneros. Os infixos seriam *-w-* e *-y-* nesses casos.

Afixação e composição são estratégias denominadas concatenativas: envolvem a justaposição de um elemento ao outro. Mas as línguas

também podem possuir estratégias não concatenativas. Em português, podemos citar três estratégias. A primeira delas é a *supleção*, que envolve a transformação da raiz como em *eu vou*, *eu fui* e *eu ia*. Para cada um dos tempos verbais com o verbo *ir*, temos uma raiz diferente em português. A segunda delas é o *truncamento*, em que parte da palavra é suprimida. Temos por exemplo *finde* de *fim de semana*, *analfa* de *analfabeto*, *flagra* de *flagrante* etc. A terceira é semelhante à composição, em que há a combinação de duas palavras, mas é não concatenativa no sentido de que há supressão de parte de uma ou mesmo das duas palavras combinadas (são os *blends*): *apertamento*, de *apartamento* com *apertado*, *acãoxonado*, de *cão* e *apaixonado* e *showmício*, de *show* com *comício* ②. Podemos observar essas estratégias na figura a seguir.

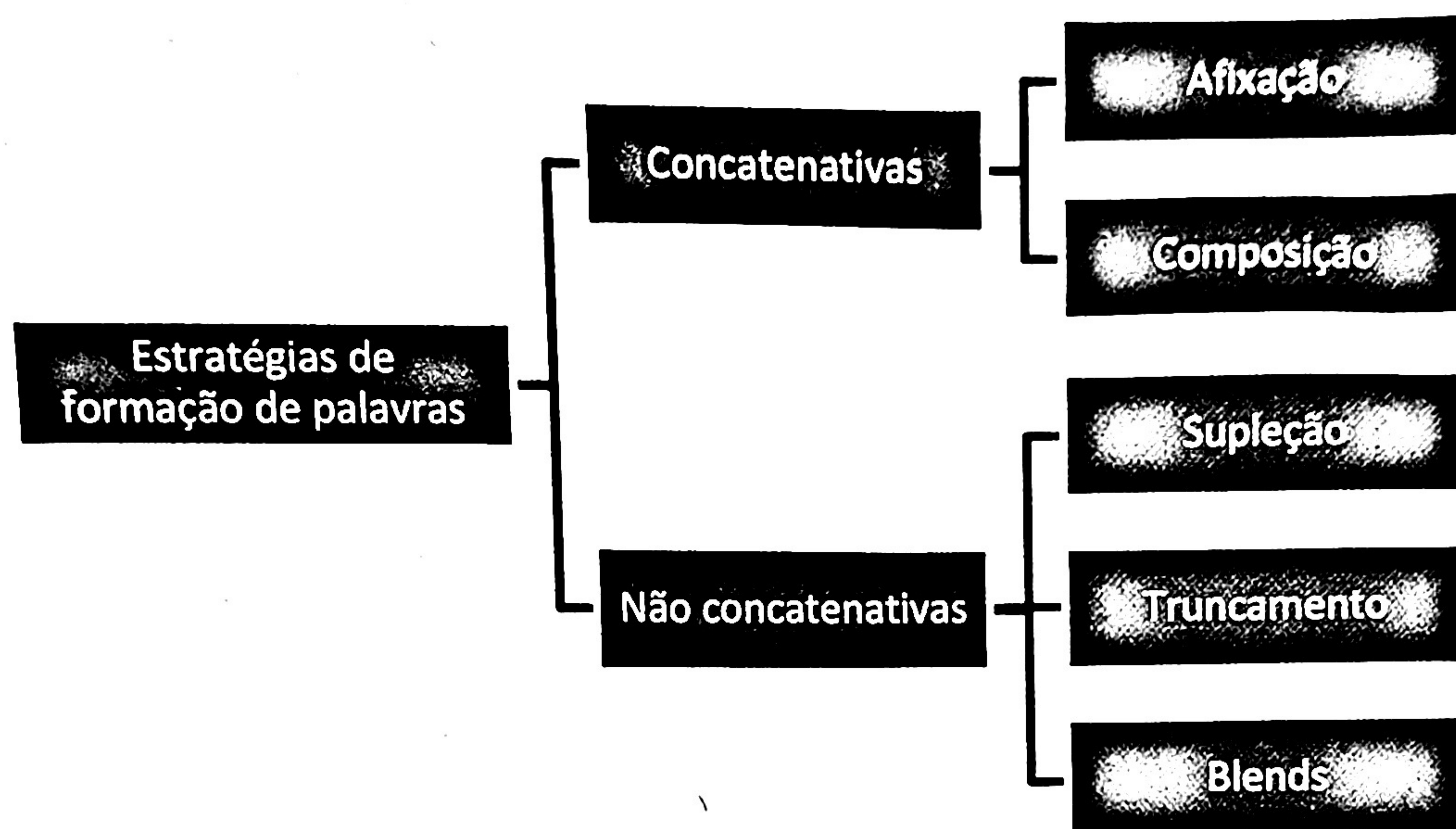


Figura 2: Estratégias de formação de palavras (fonte: o autor).

A área que estuda a formação de palavras se baseia muito nas milenares observações do gramático indiano Pāṇini, que trouxe a noção de como as palavras podem ser divididas e como partes menores se combinam para formar novas palavras. Quando os linguistas começaram a observar e descrever um leque mais amplo de línguas, de diferentes regiões e origens, foi possível descobrir outras estratégias de formação de palavras, como as estratégias não concatenativas.

Por fim, o estudo da formação de palavras tem contribuições que vão além de simplesmente observar a criação de novas palavras na língua e como isso se dá. Estudar os sufixos derivacionais pode nos levar a uma importante compreensão da história de uma língua. Em português,

muitos dos afixos derivacionais nos remetem ao latim, e algumas irregularidades remontam o funcionamento da língua latina, como por exemplo o fato de termos *construtor* ao invés de *construidor*. Estudar os sufixos flexionais nos leva a compreender o funcionamento da sintaxe da língua, quais são os termos da oração, quais são as classes de palavra nessa língua. Mais ainda, estudar esses processos nos ajuda a responder a uma outra pergunta, bastante intrigante, que também está incluída neste livro: o que é uma palavra?